

LARS KEPLER

O CAÇADOR

Tradução de Regina Valente

Prólogo

É de manhã cedo e a água imóvel da baía brilha como aço polido. As moradias luxuosas estão todas ainda profundamente adormecidas, mas as luzes das piscinas e dos lampiões de jardim escoam-se através dos gradeamentos altos e dos ramos das árvores.

Um bêbedo com uma garrafa de vinho na mão percorre a estrada ao longo da praia. Para diante de uma casa branca com uma longa varanda voltada para a baía. O homem pouisa a garrafa com extrema cautela no meio da rua, depois salta o fosso, trepa as grades de ferro forjado e introduz-se no jardim.

Atravessa o relvado a cambalear e detém-se a observar as grandes janelas, o reflexo das luzes da varanda e as formas indistintas dos móveis no interior.

Continua a andar em direção à casa, dirige uma saudação a um anão de jardim em loiça com meio metro de altura e contorna uma vedação. Escorrega na borda da piscina e bate com o joelho no chão, mas depois recupera o equilíbrio e levanta-se.

A água da piscina cintila como um bloco de vidro azul.

O homem para na beira, a oscilar, abre o fecho-éclair das calças e começa a urinar para a piscina, depois afasta-se a arrastar os pés até aos móveis de exterior azuis e aponta o jato para as almofadas, as espreguiçadeiras e a mesa redonda.

A urina emana vapor no ar frio.

O homem volta a fechar a braguilha e vislumbra um coelho branco a saltar através do relvado para depois desaparecer debaixo de um arbusto.

Regressa em direção à casa, a sorrir, e passa junto das portas da varanda. Apoia-se à vedação, desce para o relvado, estaca e volta para trás.

O seu cérebro obnubilado tenta perceber aquilo que acaba de ver.

Um ser de rosto disforme e vestido de negro estava a olhar para ele.

Não consegue perceber se era dentro da casa escura ou se estava a observá-lo do exterior, refletido nos vidros.

1

Sexta-feira, 26 de agosto

Uma chuva ligeira cai lentamente do céu escuro. A claridade difusa do centro da cidade ergue-se até cerca de trinta metros acima dos telhados. Não está vento e as gotas iluminadas formam uma espécie de cúpula sobre Djursholm.

Em frente à baía de Germaniaviken, ergue-se uma imponente moradia virada para a água imóvel.

Neste preciso instante, no interior da casa, uma jovem mulher avança circunspecta como um animal selvagem sobre o *parquet* envernizado, aproximando-se do tapete persa.

O seu nome é Sofia Stefansson.

A apreensão leva-a a registar todos os detalhes.

No braço de um sofá está um comando preto. Alguém fixou a tampa das pilhas com fita adesiva. Em cima da mesa, veem-se ligeiras marcas redondas de copos. Um velho penso rápido ficou colado às franjas do tapete.

O chão atrás de Sofia range, como se alguém a seguisse de divisão em divisão.

No caminho húmido da chuva, salpicos de água molharam-lhe os saltos altos e as pernas musculosas. Ainda tem pernas de atleta, apesar de ter deixado de jogar futebol há dois anos.

Sem que o homem que está à espera dela o consiga ver, aperta na mão um *spray* de pimenta. Repete para si mesma que foi ela que se pôs naquela situação, que está tudo sob controlo, que está ali porque *quer*.

O homem que lhe abriu a porta parou ao lado de uma poltrona e segue-a com o olhar, sem qualquer embaraço.

Sofia tem um rosto de traços simétricos, mas as faces são ainda bochechudas como as de uma menina. Traz um vestido azul forte que lhe deixa os ombros a descoberto. Uma fila de pequenos botões forrados desce-lhe da base do pescoço até ao meio dos seios. O coração de ouro pendurado na pequena corrente salta-lhe na cavidade da garganta, ao ritmo do batimento acelerado do coração.

Sabe que pode pedir desculpa, explicar que não se sente bem e que seria melhor voltar para casa. Isso era bem capaz de o irritar, mas teria de aceitar.

O homem ao lado da poltrona observa-a com um olhar carregado de um desejo melancólico que lhe fecha o estômago de medo.

De repente, tem a sensação de já o ter visto antes; podia ser um dos diretores do trabalho, ou então o pai de algum colega de escola de há muito tempo.

Sofia fica a uma certa distância, sorri e sente o coração bater depressa. Não tenciona aproximar-se mais até ter decifrado o tom da sua voz e os seus movimentos.

A mão com que o homem aperta o encosto da poltrona não cria suspeitas de uma índole violenta: as unhas estão bem tratadas e a aliança simples está gasta ao fim de anos e anos de casamento.

– Bela casa – diz Sofia, ao mesmo tempo que afasta do rosto uma madeixa de cabelos brilhantes.

– Obrigado – responde o homem, levantando a mão da poltrona.

Não pode ter muito mais de cinquenta anos, mas os seus movimentos são pesados e resignados, como os de um idoso numa casa tão velha quanto ele próprio.

– Vieste de táxi? – pergunta, engolindo ostensivamente em seco.

– Sim.

Ficam em silêncio. Na sala ao lado, o relógio dá duas pancadas rápidas com um tinido ligeiro.

Um pó cor de açafrão cai sem fazer ruído de um lírio que floresce numa jarra.

Sofia depressa percebeu que se excita em situações de grande carga erótica. Gosta de ser admirada e de experimentar a sensação

de ser a escolhida, mas nunca se apaixonou verdadeiramente por ninguém.

– Já nos conhecemos? – pergunta.

– Eu lembrar-me-ia – responde o homem, com um sorriso desprovido de alegria. Tem um cabelo loiro acinzentado, ralo e penteado para trás. O rosto flácido é ligeiramente brilhante e uma ruga profunda atravessa-lhe a testa.

– És um colecionador? – pergunta Sofia, apontando em direção a uma parede.

– Interesse-me por arte.

Os seus olhos claros observam-na por trás dos óculos de massa. Ela vira-se e deixa cair o *spray* dentro da carteira, depois aproxima-se de um grande quadro com uma moldura dourada.

O homem vai ter com ela. Para demasiado perto da rapariga, a respirar pelo nariz. Quando levanta a mão para lhe mostrar um dos quadros, Sofia estremece.

– Século dezanove... Carl Gustaf Hellqvist – explica. – Morreu jovem. Teve uma vida difícil, era muito doente e tentaram curá-lo com choques elétricos... Mas era um pintor extraordinário.

– Fascinante – responde ela, em voz baixa.

– Eu também acho – diz o homem, ao mesmo tempo que se dirige para a sala de jantar.

Sofia segue-o com o inquietante pressentimento de que ele a está a atrair passo a passo para uma armadilha, que uma porta se está a fechar atrás dela, lenta mas inexoravelmente, e que enormes engrenagens estão a bloquear centímetro a centímetro a sua via de fuga.

O salão majestoso, com filas de janelas à inglesa viradas para a água, está cheio com demasiados sofás e vitrines cintilantes.

Sofia repara que há dois copos de vinho tinto na beira de uma mesa brilhante.

– Posso oferecer-te alguma coisa de beber? – pergunta o homem, voltando-se para ela.

– Preferia um branco, se tiveres – responde a rapariga, com receio de poder ser drogada.

– Champanhe? – pergunta ele, sem afastar os olhos.

– Aceito, obrigada.

– Mas, claro, champanhe é o ideal – decide ele.

Quando vai a casa de um desconhecido, Sofia move-se com circunspeção, porque cada divisão pode representar uma armadilha e cada objeto uma arma potencial. Prefere os hotéis, porque na hipótese de ter de pedir ajuda há sempre alguém que a pode ouvir.

Enquanto o segue até à cozinha apercebe-se de um ruído estranho e agudo. É impossível localizá-lo. O homem não parece reparar nele, mas Sofia detém-se, vira-se para as janelas escuras e está prestes a dizer qualquer coisa quando ouve um estalido, como um cubo de gelo que cai com força num copo.

– Tens a certeza de que não está ninguém em casa? – pergunta.

Se acontecesse alguma coisa, bastava-lhe um instante para tirar os sapatos e desatar a correr em direção à porta da entrada. É certamente muito mais ágil do que ele e, se continuasse a correr, sem parar para pegar no sobretudo, conseguiria pôr-se a salvo.

Fica à porta da cozinha enquanto o homem tira uma garrafa de *Bollinger* do refrigerador de vinhos. Abre-a e enche duas flutes, espera que a espuma baixe e serve mais um pouco, antes de voltar junto dela.